



Estudantes EJA leem e escrevem de si

Robismar Alencar da Silva¹
Rede Estadual de Pernambuco – SEE.

Eixo: Práticas educativas na EJA em diferentes contextos

Palavras-chave: EJA. Subjetividade. Identidade. Prática escolar.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta a vivência de um professor da Rede Estadual de Pernambuco - SEE, na Escola Estadual Poeta José Raulino Sampaio, em especial, com as turmas da modalidade EJA - Ensino de Jovens e Adultos, localizada no município de Petrolina. Realizada no período de setembro de 2023 a dezembro de 2023, em turmas do 6 módulo e do 8 módulo do Ensino Fundamental II. O texto relata a experiência, de forma geral, no desenvolvimento de atividades, em rodas de leitura do livro: “Quem disse que estudante EJA não escreve?” de ex-estudantes da própria escola, escrito no ano letivo de 2019. Buscando, de tal forma, contextualizar os contextos, vivências e as possíveis relações no processo de escrivência de estudantes da EJA.

Desse modo, os resultados alcançados e a relevância da experiência fazem necessário para tensionar mais práticas como essa em salas de aulas com estudantes da EJA. Esta ação pedagógica, foi embasada nos seguintes autores: Mariano (2019) - Quem disse que Estudante EJA não escreve?; Evaristo (2018) - Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos; Nóvoa (2020) - com a educação como encontros humanos; Mariano (2018) com o processo de professoras inventoras; Freire (2004) com a Pedagogia da Autonomia e Certeau (2012) com A invenção do cotidiano Artes de fazer. O objetivo deste relatório é evidenciar a experiência obtida nas trocas de conversas sobre a obra produzidas pelos ex-estudantes com os estudantes da EJA do ano letivo 2023, durante as rodas de leitura. Bem como também, como se dá às relações entre estudante com estudante, leitor com autor e estudante e professor, aliando a obra às trocas de conversas como possíveis caminhos para a potencialização de novas formas de ler o mundo.

METODOLOGIA

¹ Professor de Língua Portuguesa e Inglesa da Rede Estadual de Pernambuco – SEE. E-mail: robismar.alencar@upe.br

A metodologia utilizada, baseou-se primeiramente pelo acesso do professor ao livro, na escola, escrito pelos próprios estudantes da EJA na própria biblioteca da escola. Depois, o professor comentou com a turma e daí surgiu a ideia de “bate-papos” sobre o livro. Tendo isso em vista, houvesse uma articulação de como seriam feitas as trocas. Num primeiro momento, os alunos tiveram acesso à biblioteca para conhecer e apreciar a obra para a partir daí ler a obra em rodas de conversa. Em concomitância, o professor buscou alinhamentos e propostas que abarcasse as rodas de conversa como uma forma efetiva de ensino e de aprendizagem e para isso, apoiou-se em alguns grandes homens e mulheres como Evaristo (2018), Freire (2004) e Certeau (2012). Posterior, houve-se um momento solene na escola, na biblioteca, na qual os estudantes leram e comentaram a cada escrita de jovens e adultos que era igual a eles. Desse modo, buscamos também fazer a ressignificação da história, aproveitando dos gêneros autobiografia e cartas estudadas em sala como uma forma de expressar o “eu” estudante da EJA com suas marcas de identidade. Aqui, também, usou-se do livro, de slide, de textos de autores citados acima e de desenhos que fizessem o cenário dos estudantes.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados extraídos das rodas de conversas foram, em sua grande maioria, avaliados como proveitosos, pois saber que estudante de EJA também escreve, mas um escrever não para si, mas para o mundo, fez com que os estudantes desacreditassem nos diversos “não” na qual a vida já o tinha dito. Aqui, percebe que a educação deve, sim, cada dia mais, investir em estudantes da EJA. Além disso, perceber que os atuais estudantes conheceram ou conhecem alguns dos estudantes que estavam estampados ali na capa daquele livro; foi um espetáculo. Cenas, como essa, do estudante ler, e ouvir ressoar nos seus ouvidos, momentos iguais aos seus, ou semelhantes, faz com que se reaviva a chama do desejo, do amor, da fé em que muitas vezes parece ser desacreditada pelo mundo e muitas vezes pior, ainda, por si. Além de saber que tem vivências registradas ali por pessoas que já foram no perfil deles, foi importante e marcante a escrita dos seus próprios devaneios em um livro ainda em andamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa ação pedagógica explicitada, obteve-se a perspectiva de que a roda de conversa é mais uma forma de falar e de ser ouvido em uma das etapas mais importantes e cruciais da Educação de Base. Tornando-a uma forma lúdica em que, ao mesmo tempo é plural; é singular. Aqui, com a simples leitura, percebe-se que há marcas de identidade, de subjetividade, marcas de alguém, não um alguém indiferente, mas um alguém que talvez tenha as mesmas limitações. Mas, que faz com que os estudantes acreditassem em si. Ademais, esta

ação pretende ser continuada no ano letivo de 2024 com o intuito de publicar um livro e fazer a culminância para as redes de ensino.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de **A invenção do cotidiano Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos**. v.1.n.1.2018.

Disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br>> acesso em; 10/09/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARIANO, N. A; Santos. M. **Quem disse que estudante EJA não escreve?** Petrolina-PE. Editora Franciscana, 2019. Vi, 84p; 21cm.

MARIANO, Nazarete. **Professoras inventoras das práticas de invenção à pesquisa-formação-ação**. Paris - França: Edilivre, 2018.

NÓVOA, António; Alvim C. Y. **Os professores depois da pandemia**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, 2021.